

"Ideologia de Gênero": a nova cruzada dos fundamentalistas cristãos

Julian Rodrigues - ativista LGBT e de DH, licenciado em Letras, especialista em economia do trabalho e mestrando em ciências sociais é membro do Conselho Consultivo da ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) e da direção estadual do MNDH (Movimento Nacional de Direitos Humanos)/SP

Discursos, narrativas, slogans e argumentos padronizados. Ações nacionalmente articuladas, nos púlpitos evangélicos e católicos - e nas Câmaras Municipais, Assembleias Legislativas e no Congresso Nacional. Eleição de dezenas de sacerdotes como parlamentares. Posse de emissoras de rádio e TV próprias e compra de horários em TVs comerciais. Essas são as ferramentas básicas dos fundamentalistas cristãos em suas ações para influenciar as políticas públicas e as legislações do país.

Tais setores têm sido vitoriosos em bloquear a agenda LGBT e feminista no Congresso Nacional - e congelar as políticas afirmativas no Governo Federal (bem como nos estados e municípios). Passam, agora, a apresentar projetos extremistas como o "Dia do Orgulho Heterossexual" e um "Estatuto da Família" que só reconhece as famílias monogâmicas heterossexuais.

A mais recente iniciativa é combater o que chamam de "ideologia de gênero". Nas discussões finais do Plano Nacional de Educação, na Câmara Federal, em 2014, distorcendo todo o debate, conseguiram substituir o trecho que dizia: "(...) são diretrizes do PNE a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual", por uma redação que fala apenas em "erradicação de todas as formas de discriminação".

Promover a igualdade virou "ideologia de gênero", uma ameaça à sacrossanta família. Reconhecer a diversidade sexual tornou-se sinônimo de "doutrinação homossexual". Trata-se de um enfrentamento direto aos direitos das mulheres, às conquistas LGBT, às políticas de igualdade de gênero. Uma reafirmação da legitimidade moral e religiosa das desigualdades, do patriarcado, da heteronormatividade, da homofobia, da transfobia.

É tudo muito simplório, mistura de desconhecimento e manipulação, conforme ilustram alguns dos argumentos. Padre Lodi, conhecido propagandista opositor aos direitos LGBT, diz que:

"(...) ideologia de "gênero" prega, em matéria sexual, a "liberdade" e a "igualdade". A "liberdade", porém, é entendida como o direito de praticar os atos mais

abomináveis. E a “igualdade” é vista como a massificação do ser humano, de modo a nivelar todas as diferenças naturais que existem entre o homem e a mulher. (...) Fiel à sua raiz marxista, a ideologia de gênero pretende que, em educação, os pais não tenham nenhum controle sobre os filhos. Nas escolas, as crianças aprenderão que não há uma identidade masculina nem uma feminina, que homem e mulher não são complementares, que não há uma vocação própria para cada um dos sexos e, finalmente, que tudo é permitido em termos de prática sexual.”¹

Para além do autoritarismo moralista, as elaborações do padre trazem equívocos. Os estudos feministas e de gênero constituem um campo muito plural e diverso, contemplando várias matrizes teóricas que não só o marxismo, assim como são os estudos LGBT e *queer*.

Ocorre que nesse tema não foram só essas figuras menores do catolicismo conservador que entraram no debate. O Bispo de Frederico Whestphalen, em 1 de junho de 2015, divulga nota teológica, com considerações mais elaboradas, justificando sua posição anti-“ideologia de gênero”. Trecho significativo:

“Assim, ser homem ou mulher não é característica inata, mas mero procedimento aprendido na família e na escola de cada nação, de modo que o homem poderia escolher ser mulher e vice-versa. Mais: decorre dessa ideologia tão denunciada por estudiosos de renome que “o mesmo indivíduo pode optar indiferentemente pelo heterossexualismo, pelo homossexualismo, pelo lesbianismo ou até pelo transexualismo. Não haveria, na origem de cada ser humano, um menino ou uma menina, mas um indivíduo”.

Esse indivíduo escolheria – contra a Biologia – aquilo que deseja ser. No entanto, se a natureza biológica conhece somente o homem e a mulher, a ideologia de gênero apregoa que alguém pode ser homem, mulher ou neutro (nem um nem outro). Afinal, seria a sociedade com seus estereótipos que atribuiria a cada indivíduo suas funções, passando por cima das características fisiológicas de cada um.

Em suma, ninguém nasceria masculino ou feminino, mas apenas indivíduos que podem tornar-se masculinos, femininos ou neutros de acordo com a cultura de seu tempo ou com a educação recebida na escola ou em casa.

Aqui se entende a razão pela qual os ideólogos de gênero se interessam por se imporem nos planos de ensino, seja em nível nacional, estadual ou municipal: como

¹ <http://www.veritatis.com.br/inicio/blog/9333-o-perigo-do-genero-em-educacao>

sabem que as famílias, via de regra, abominam espontaneamente uma doutrina tão contrária à natureza, partem para a instrução artificial das crianças a fim de que elas, depois de bem doutrinadas pela ideologia de gênero, instruem seus pais e amigos... Seria o fim da família e do próprio ser humano reduzido à condição de mero peão em um sórdido jogo de xadrez"²

Uma argumentação radicalmente essencialista, que ancora o discurso religioso na biologia e combate diretamente os pressupostos das teorias e movimentos feministas e LGBT, quais sejam: as desigualdades de gênero, normatividades e regulações da sexualidade são construções sociais e culturais, historicamente localizadas.

Percebe-se aí uma moral religiosa refugiando-se na biologização e naturalização das relações sociais, tentando impedir que a crítica e a reflexão sobre o sexismo e a homofobia, por exemplo, adentrem nas salas de aula.

Segundo a ativista e pesquisadora Tatiana Lionço, assistimos à emergência de uma teoria religiosa que coloca em risco a democracia e a laicidade. Ela nos informa que:

"O livro de referência dos católicos ativistas do anti-feminismo e anti-direitos sexuais e reprodutivos foi escrito pelo acadêmico argentino Jorge Scala e apresenta como título Ideologia de Gênero – neototalitarismo e a morte da família, tendo sido traduzido para o português por uma editora católica, a Katechesis. As teses contidas no livro passaram a ser replicadas por autoridades católicas do Brasil, com destaque para o texto de Dom Orani Tempesta, arcebispo do Rio de Janeiro, publicado no sítio virtual da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), mas também em blogs por Dom Anuar Battisti, arcebispo de Maringá (PR), Dom Antonio Carlos Rossi Keller, bispo de Frederico Westphalen (RS), Dom Fernando Rifani, bispo de Maria Vianney (Campos de Goytacazes/RJ) e no jornal A Tarde, por Dom Murilo Krieger, arcebispo de São Salvador da Bahia e primaz do Brasil."³

² <http://blogdojosuemariano.com.br/nota-pastoral-sobre-o-risco-da-ideologia-de-genero-no-plano-municipal-de-educacao/>, acessado em 4/6/2015

³ <http://www.geledes.org.br/ideologia-de-genero-emergencia-de-uma-teoria-religiosa-sobre-os-riscos-da-democracia-sexual/#ixzz3c40fcCta>

Uma nova cruzada

Vitoriosos em nível nacional, os setores fundamentalistas religiosos se mobilizam para impor suas posições retrógradas nos Planos Estaduais e Municipais de Educação, que estão em debate nesse momento. Em diversos locais, a discussão tem se acirrado.

Na Câmara Municipal de Campinas, o vereador do DEM, Campos Filho, propôs emenda à Lei Orgânica do município (detalhe: Campinas é referência nacional em políticas públicas e leis pró-LGBT). O projeto do vereador – combatido pelo forte ativismo local e pelos vereadores dos partidos de esquerda, especialmente do PT, PCdoB e PSOL – traz o seguinte trecho:

*“Não será objeto de deliberação qualquer proposição legislativa que tenha por objeto a regulamentação de políticas de ensino, currículo escolar, disciplinas obrigatórias ou mesmo de forma complementar ou facultativa que tendam a aplicar a ideologia de gênero, o termo gênero ou orientação sexual”.*⁴

Como vimos, o protagonismo dessa ação e formulação conceitual é do reacionarismo católico (fato que deve ser destacado, pois quase sempre o foco é sobre os evangélicos neopentecostais, subestimando as alianças estratégicas realmente existentes entre o conservadorismo cristão).

Mas não é razoável deixar de registrar nesse episódio a presença de um dos ideólogos-chefes dos evangélicos fundamentalistas, o pastor Silas Malafaia. Em programa de TV de novembro de 2014, Malafaia desqualificou pela enésima vez o ativismo LGBT e mirou também no alvo da vez:

*“(...) criticou o ativismo gay através da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transexuais (ABGLT) dizendo que eles querem privilégios e deixando claro que não é contra os homossexuais. “Eles querem implantar uma ideologia na Brasil. Eles estão trabalhando para uma coisa que chama ideologia de gênero, é para destruição da família”*⁴

Ou seja: mesmo de maneira mais simplificada, os neopentecostais argumentam que o reconhecimento da pluralidade, do caráter não biológico, das possibilidades

⁴ http://www.vozdabahia.com.br/index/blog/id141285/malafaia_participa_do_programa_raul_gil_e_critica_justin_bieber__assista

múltiplas de construção da identidade e expressão de gênero dos sujeitos, bem como de sua orientação sexual são movimentos que visam "destruir" a família tradicional – uma dádiva de Deus e da Natureza, de caráter imutável e inquestionável – e a impor uma "ideologia" maléfica, pecaminosa.

Voltando à luta política: para enfrentar essa ofensiva articulada da direita religiosa é urgente que os defensores dos direitos humanos, pessoas com visões progressistas, intelectuais, e o ativismo feminista, LGBT, anti-racista e da juventude identifiquem esse movimento em curso, conheçam o discurso por ele propagado e tracem estratégias conjuntas de resistência.

O desafio do momento é garantir nos Planos Estaduais e Municipais de Educação as diretrizes de promoção da igualdade de gênero, raça/etnia, orientação sexual, identidade de gênero, reconhecimento e valorização da diversidade.

Bloquear essa estratégia reacionária significa reafirmar a laicidade do Estado e impor limites ao crescimento do obscurantismo.